

OE05: Desenvolvimento econômico local

Participantes:
Hector Sousa
Erico Przybilovicz
Cátia Muniz
Hélio Costa

[Trilha]

Hector Sousa: Bem-vinda e bem-vindo ao podcast meio-fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável. Esse podcast faz parte do projeto traDUS, uma iniciativa para promover ações de educação urbana da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, a UFERSA. Neste episódio vamos continuar falando dos objetivos estratégicos da carta para as cidades inteligentes. Hoje vamos falar com o professor Hélio Costa, e para tocar essa conversa estão aqui Érico e Cátia.

Erico Przybilovicz: Olá ouvintes do podcast meio fio. Estamos aqui novamente pra falar sobre os objetivos estratégicos nessa série sobre a carta brasileira pra cidades inteligentes. E temos aqui dois convidados, a Cátia e o professor Hélio que vão conversar com a gente hoje. Bem-vinda Cátia ao podcast meio fio.

Cátia Muniz: Obrigada Érico. Super feliz de tá aqui com vocês, com os ouvintes e também com o professor Hélio e com o Hector. Pra contribuir um com o podcast meio fio. Então eu quero chamar agora o professor Hélio Costa Júnior pra ele se apresentar e ele vai conversar um pouquinho com a gente sobre o objetivo estratégico cinco e sobre o desenvolvimento econômico local. Professor Hélio, seja bem-vindo.

Hélio Costa: Obrigado e muito obrigado pelo convite, né? Prazer estar aqui e falar sobre algo que a gente gosta e que é extremamente eh... necessário. Eu sou professor dentro da área de administração pública atualmente, mas eu comecei na área de inovação e acabei juntando as duas coisas. Hoje eu sou professor de inovação na gestão pública e principalmente levando esse... as minhas pesquisas para a área de cidades inteligentes. A gente tem aqui um laboratório na Universidade Federal de Alfenas, no sul de Minas Gerais. Aliás, estou no campus de Varginha. E onde a gente faz pesquisa sobre inovação na gestão pública e principalmente sobre políticas públicas para cidades mais inteligentes, que é algo que a gente tem ainda alguma deficiência. Quando se fala em cidades inteligentes a gente tem muitos grupos de pesquisa que falam sobre o... ah... esse

tema, mas sobre o aspecto tecnológico apenas, sobre eh... engenharia, sobre telecomunicações, sobre computação, mas muito pouco se discute sobre políticas públicas. Então por isso mesmo, né? Eu gosto muito de trazer esse tema, né? Pra gente preparar, colocar essa discussão na mesa, né? E alertar as pessoas que não basta a gente ter recursos tecnológicos, financeiros, mas a gente precisa organizar a casa e isso é feito com política, é feito com estratégia, com planos, né? E com a boa execução desses planos também.

[Trilha]

Cátia Muniz: Então como eu falei antes o professor está aqui pra falar um pouquinho sobre o objetivo estratégico cinco que trata do fomento ao desenvolvimento econômico local a partir do contexto da transformação digital. Então vou começar aqui com a primeira questão. Professor, você pode dizer um pouquinho pra nós, pros nossos ouvintes, o que significa desenvolvimento econômico local num país como nosso, o Brasil, que tem tantas diferenças, não só regionais, também como entre as cidades, como que fica, né, a questão do desenvolvimento local, pensando na diversidade do país?

Hélio Costa: Olha, a gente pensa bem num país que tivesse poucos municípios, já seria um grande desafio. Pra um país como o nosso, com aproximadamente cinco mil e quinhentos municípios, logicamente esse desafio é muito maior do que em outros lugares, apesar de você ter realidades muito eh, muita prosperidade em alguns locais, você também encontra muitos locais com muita escassez, né? Então a gente vai ter o grande desafio de tentar no máximo equalizar um pouco mais a realidade econômica e social dessas cidades através de planejamento. A gente muitas vezes tem municípios que podem se agregar a outros, por exemplo, pra formar um polo que não seja exclusivamente o município ter que cuidar ou planejar seu próprio e individualmente, né? O seu próprio desenvolvimento econômico social, então existem possibilidades que tem que ser observadas e que muitas vezes quem está dentro da própria realidade do município não consegue ter essa visão mais ampla, não consegue ver as possibilidades. E aí a educação, a comunicação e a gente levando essa informação e essa capacidade, capacitando as pessoas, gestores, técnicos, pessoas que estão lá no município com essa visão mais ampla a partir de exemplos que nós temos, diversos exemplos bem sucedidos de iniciativas não só fora do Brasil, que é muito comum a gente valorizar, né? Alguns cases, né? De sucesso na Europa, na Ásia, mas nós temos excelentes exemplos de sucesso no Brasil para desenvolvimento econômico não só do município, mas de regiões, de polos principalmente aqueles que descobrem a sua vocação e aí aplicam o planejamento direcionado pra essa vocação, uma vocação econômica, uma vocação local, regional que

faça pras pessoas e que elas se envolvam, né? Se engajem nesse processo de “olha como é que a gente pode aproveitar isso pra fazer com que seja o diferencial, pra que fazer com que isso seja o fator motivador, ou a locomotiva que vai puxar esse desenvolvimento econômico?”. Então, parte dessa comunicação e educação que a gente tem que fazer, ela é muito de fazer a difusão do que já tem de bom pra que a gente consiga inspirar, motivar outros gestores, outras câmaras de vereadores, outras prefeituras, né? Que olhem ao redor o que está sendo feito porque muitas coisas boas, não são, não recebem a atenção e o espaço suficiente e merecido pra poder fazer com que isso realmente se transforme numa inspiração e que os modelos possam ser, não digo copiados, mas que sejam facilitados, né? Afinal de contas, já deu certo, por que não aproveitar as boas práticas, aproveitar as lições aprendidas, né? De um grupo, de um município, pra levar isso pra outros onde ainda não há tanta prosperidade e tanto desenvolvimento. Então, é um grande desafio, mas o que a gente está fazendo aqui dentro do programa, é exatamente fazer essa necessidade de difusão de conhecimento, de capacitação, de educação pra levar os bons exemplos e levar as ferramentas certas, né? De planejamento para que qualquer lugar do país com prosperidade ou com escassez, consiga melhorar a sua condição tornando-se um local mais inteligente, né? Pras pessoas viverem, trabalharem, né? Em geral.

Erico Przeybilovicz: Muito legal a sua perspectiva, professor, e eu acho que ela vem bem, assim, ao encontro do que são as recomendações da carta brasileira pra cidades inteligentes, de pensar nesse desenvolvimento local e aproveitar já a partir de experiências brasileiras, de fomento, a economia local, a inclusão produtiva das pessoas por meio daquilo que já é característica local. Professor gostaria de trazer talvez um exemplo de alguma iniciativa que o professor conhece, talvez na região de Minas ou alguma iniciativa interessante que passou pelo grupo de pesquisa de vocês, cê acha que vale a pena comentar com a gente, com os nossos ouvintes?

Hélio Costa: Sim, a gente tem é que um exemplo que é bem próximo meu aqui e até mesmo, é tão próximo que eu vou muito a Santa Rita do Sapucaí, né? Aqui no sul de Minas Gerais que é uma cidade que se transformou num polo natural, né? Da área de tecnologia eletroeletrônica e a própria cidade, não foi assim por um projeto governamental é que alguém determinou que aquilo deveria ser um direcionamento pra esse polo, a própria cidade se organizou, o primeiro passo foi a criação de uma escola de eletrônica isso lá nos anos cinquenta ainda, né? Quase setenta anos atrás e essa escola foi o início de tudo, mas quando se criaram, quando se criou essa escola, não existia essa perspectiva de que “olha, vamos criar uma escola para transformar isso num polo de eletroeletrônica”, né? Era uma escola de eletrônica que gerou depois da escola formando

as primeiras turmas, houve a necessidade de criar uma faculdade que desse continuidade nos estudos e essa faculdade começou a atrair mais pessoas do país para esse polo, é uma cidade que na época tinha dez mil habitantes, era muito improvável se construir uma escola de eletrônica numa cidade de dez mil habitantes, mas há setenta anos atrás. E naturalmente a cidade foi se desenvolvendo com essa vocação atraindo a atenção e o interesse das pessoas para a cidade até que nos anos setenta, vinte anos depois da criação dessa primeira escola começaram a surgir as primeiras empresas dentro da área desse ramo de atividade e as empresas começaram a ter uma importância econômica, tanto na no ponto de vista do emprego, hoje um terço da população da cidade que cresceu bastante, tem quarenta mil habitantes, né? Em comparação aos dez mil lá de muitos anos atrás, ela hoje tem quarenta mil habitantes e um terço da população trabalha no setor eletroeletrônico. A cidade, ela apesar de pequena comparada a outras cidades vizinhas ela tem uma economia muito mais forte porque são mais de duzentas empresas que existem só nesse ramo de eletroeletrônico atualmente e a própria cidade se organizou, então há um um sindicato patronal da indústria eletroeletrônica que cuida de fazer o planejamento empresarial. E aí a própria, os gestores municipais, a prefeitura, a câmara, elas acabaram acompanhando esse desenvolvimento e aí começaram a criar políticas públicas direcionadas para... pra tudo, para facilitar esse desenvolvimento local e regional. Mas não foi uma iniciativa que começou do poder público. Começou da própria população. O que é muito interessante, né? Então você tinha religiosos, né? Grupo de jesuítas que foi quem primeiro fez a gestão dessa escola de eletrônica. Eles tiveram várias iniciativas, a prefeitura apoiou a criação de grupos informais que existiam na cidade para fazer propaganda, divulgação, marketing da cidade pra atrair mais pessoas pra lá. Isso é mais ou menos algo que a gente pode dizer que a criação de um polo ela foi quase que espontânea. Né? Não foi um planejamento. Mas hoje esses pode servir de modelo. A partir desse modelo de como as coisas estão, que estão tendo muito sucesso, tendo resultado muito positivo. É possível a gente olhar esse modelo e falar olha, isso é possível replicar de certa forma, não precisa exatamente no ramo de eletroeletrônico mas esse tipo de organização das empresas, dos sindicatos, da da prefeitura, do poder público local, do incentivo inclusive com todas as relações que hoje são relações fortes que o município tem com o Governo Estadual de Minas Gerais, com a União, né? Com os ministérios relacionados com essa área do desenvolvimento. Então é possível sim a gente se inspirar nesse modelo, que não foi planejado, mas que hoje virou um case de sucesso dentro da nossa realidade nacional.

Cátia Muniz: Muito bom, professor, trazer essa experiência porque muitos gestores, eles acham que não é possível implementar a carta, trazer os objetivos estratégicos da carta pro seu município. Aí eu queria que você falasse um pouquinho mais pra esses gestores,

principalmente das cidades pequenas que acham que não é possível, né? Implementar a Carta ou se tornar uma cidade mais inteligente a partir dos objetivos estratégicos e pensando aí na questão do desenvolvimento econômico local. Então, o que você pode dizer pra esses gestores? Qual que é essa relação que a gente pode fazer entre a carta e o desenvolvimento local e o que que eles podem fazer pra conseguir implementar esses objetivos?

Hélio Costa: A carta, na verdade, se você olhar pra ela e pode ser que as pessoas olhem com um olhar meio distorcido como se fosse um modelo prescritivo, ou seja, pra você se transformar numa cidade inteligente você tem que seguir esse roteiro que está na carta de cidades inteligentes. Isso não é verdade, isso não vai funcionar porque exatamente por a gente ter uma diversidade de realidades, de vocações totalmente diferentes, né? Dentro do nosso país, nós precisamos entender as necessidades de cada local e adaptar o conhecimento que está na carta de uma forma muito mais customizada, né? Feita sob medida para aquela realidade local. A realidade nos obriga a fazer adaptações, né? Naqueles propostas, naqueles modelos e a Carta ela é um uma forma de você... é como se fosse uma caixa de ferramentas, eu acho que você pode olhar pra aquela caixa abrir e falar “hoje eu preciso, a nossa cidade, a nossa localidade, né? A nossa região, ela precisa disso e onde eu vou encontrar isso dentro da carta de cidades inteligentes? Pode ser, por exemplo, relacionado aqui com o desenvolvimento local, onde a gente tem várias orientações, exemplos que podem ser úteis. Então, olha, nós precisamos, por exemplo, cê tem lá um um local que tem uma vocação, mas que as coisas ainda não estão organizadas, há muita concorrência predatória entre empresas que trabalham no mesmo ramo. Então tem muitas modelos que dão certo quando você cria cadeias, organiza arranjos produtivos que envolvam não só as pessoas jurídicas, né? O CNPJ, os grandes CNPJs, as indústrias, mas que envolvam os MEIs, né? Os microempreendedores individuais que aproximem essas pessoas que podem fornecer soluções pra outras. Então sob a perspectiva do desenvolvimento local e regional, a gente pode falar sobre, por exemplo, o quanto é importante e quanto pode gerar externalidades positivas quando você tem aglomerações que elas estão organizadas, que elas tenham uma organização que faz sentido e que seja produtiva pra todos. Por exemplo, você encontrar dentro, né? De um local eh... encontrar e fomentar, né? E fazer com que aconteçam mais transações, por exemplo, econômicas, transações comerciais entre as próprias empresas, né? E você tem algumas ferramentas pra facilitar isso, como por exemplo, criar uma incubadora de empresas ou criar ou ou fomentar a criação de um parque tecnológico dependendo da área, e muitas vezes também existe, a gente, eu eu principalmente que trabalho com, né? Inovação no setor público, quando a gente fala em parque tecnológico, muitas vezes há uma ideia de que isso é coisa de outro mundo, né? Que parque tecnológico tem que ser

algo que ter raio laser, tem que ter a NASA no meio, não, não, não precisa, não é ciência de foguetes, um parque tecnológico pode ser de coisas muito mais simples, porque tecnologia é conhecimento aplicado, então se você organizar as instituições que ensinam, que fazem pesquisa. E não precisa ser pesquisa de alta tecnologia, né? Que pesquisem inclusive pesquisa social, junto a isso com as comunidades que já existem no local. Comunidades que se auto organizaram, junta isso com o empresariado que pode muitas vezes financiar. Você pode gerar um grupo, que você pode chamar de parque tecnológico porque tá aplicando conhecimento para gerar emprego, gerar divisas, impostos, capacidade de fazer negócios com outros, né? Exportação, né? Melhorar a balança comercial do município, né? Pra que ele consiga eh trazer mais recursos e prestar mais serviço pra fora, então tem um mundo, né? De possibilidades que você encontra na carta brasileira, né? De cidades inteligentes e que não é exatamente você seguir um passo a passo, é você: “olha minha necessidade, a carência do meu local é essa. Então vamos ver se tem uma resposta pra minha lá”. Eu abro a caixa de ferramenta e acho. “Achei”. Pronto. Está aqui. O alicate certinho que vai apertar a porca que eu, né? Preciso resolver aqui. Então essa é a ideia e às vezes as pessoas acham até por ser um documento longo, extenso, acham que “ah! É muita informação, são muitas normas que estão distantes, normas e propostas estão distantes da nossa realidade”, mas o que que a gente tem que fazer? Descobrir aquelas que são próximas da realidade, que são possíveis e que são exequíveis pra resolver os problemas que afligem, né? Mais ali a população.

[Trilha]

Erico Przeybilovicz: E nesse... nessa questão de ajudar os municípios a implementarem, né? Essas ações eh que estão propostas na carta, como essa que a gente está conversando hoje de ações pra melhorar o seu desenvolvimento econômico local. O projeto traDUS, né? Nós estamos elaborando cursos de formação que vão ajudar a explicar inclusive esses conceitos, como esse que o professor falou, de que um parque tecnológico não é só um parque cheio de laser e produção de foguete, né? É um parque tecnológico pode ser, é um conceito muito mais simples e são esse tipo de conteúdos que nós vamos ter, nós vamos apresentar nesses cursos, nos módulos, inclusive que o professor Hélio é um dos dos professores que vai participar nas vídeo aulas e está participando da elaboração de conteúdo. Professor, você quer, gostaria de comentar um pouco mais sobre o que que os nossos ouvintes que tiverem interesse em fazer esses cursos que serão oferecidos aí pelo projeto traDUS, o que eles vão encontrar mais, o que que eles vão poder se aprofundar nesse tema que nós falamos hoje e outros temas que o professor também está trabalhando com a gente?

Hélio Costa: Sim, eu vejo algumas informações que tão muito presentes, né? Na mídia, em vários locais e as pessoas falam muito sobre isso e então, por exemplo, nova economia, né? Economia digital, transformação digital, fala-se muito sobre isso, mas o que realmente pode ser traduzido em ações, em projetos, em coisas, né? Coisas que a gente, pode tá próximas da gente, que a gente pode perceber o resultado da transformação digital, da economia digital. Então vários dos itens que estão, né? Disponíveis na carta e também no curso, e também nos meus módulos, mas de todos os módulos do curso em geral, eles falam sobre essa concretização de alguns conceitos que são muito abstratos, por quê? Existe a necessidade, né? De se tratar de conceitos, de abstrações, mas também como é que a gente faz a transição desse conceito abstrato para a realidade? Pro dia a dia? Eu considero que assim as cidades inteligentes são aquelas que elas criam facilidades e derrubam os obstáculos pras pessoas viverem. Mas como isso acontece que também é seu conceito abstrato, né? Você falar assim, até porque eu falei de derrubar obstáculos, que tipo de obstáculo é esse? Eh o obstáculo é o sofrimento das pessoas, né? Com as dificuldades que elas tem pra conseguir um emprego, pra conseguir se movimentar dentro da cidade eh porque tem receio de sair por causa da segurança que é uma série de elementos, né? Que a gente pode dizer que uma cidade quando ela derruba esses obstáculos ela vai ficando mais inteligente. E esses obstáculos eles não são muitas vezes visíveis assim de cara, né? Aí você lê a carta das cidades brasileiras e fala assim, mas comé que esse conceito aqui vai tá relacionado com a a minha possibilidade de ter uma vida melhor, né? De ter uma vida mais tranquila. E aí a gente começa a ver, por exemplo, né? No meu módulo que é o módulo que a gente está, né? Tratando nesse momento agora, né? Que eu estou aqui produzindo conteúdo. Sobre, por exemplo, a facilidade de você abrir uma empresa, de você fazer negócio, a liberdade econômica. Mas e os municípios? Né? O que que eles estão fazendo? Eles estão caminhando junto, né? Estamos juntos, governo federal, estadual e municipal, pra eu poder realizar, botar na prática esses conceitos que vão facilitar, tirar os obstáculo da vida das pessoas, a gente tem que entender disso tudo e tudo isso tá sendo tratado, tá sendo trazido, né? No curso com exemplos, com dicas, com vídeos, com casos de sucesso, com links pra mostrar, olha aqui que você encontra, é ali que você faz, pra poder realmente deixar de ser aquele conceito abstrato, né? Olha, muito lindo a nova economia, muito legal a transformação digital, mas como é que isso afeta a minha vida? Como é que eu vou sair de casa hoje e vou perceber que isso está acontecendo ao meu redor e isso está sendo bom, né? Pra mim. Isso está me dando mais oportunidade, eu posso confiar, né? Que tem gente me dando apoio dentro da minha localidade, da minha cidade. Então essa é o grande, um grande passo nessa direção de mostrar que olha, tem conceitos muito bonitos, mas eles não são só conceitos bonitos, eles podem se transformar em resultados tangíveis, que você vai sair na rua e você vai perceber, né? Sair na rua no sentido figurado [risos], você vai

sair pra montar uma empresa e você vai voltar pra casa com a empresa montada porque o estado, né? O município, o governo federal agiram de maneira coordenada, correta, criando facilidades, né? Pra você poder fazer aquilo e lógico, isso é bom pra todo mundo, é bom pra você, bom pras pessoas que você vai empregar, bom pra própria arrecadação do próprio município, do estado, né? Da união, e é bom para a sociedade em geral, né? A gente não é uma ilha, né? Então as nossas relações, né? Com outras pessoas, com as empresas, conforme a gente se desenvolve, a gente desenvolve a comunidade. Desenvolve o grupo. E isso está lá vários exemplos né? Dentro do curso, do programa, e a carta também, né? Traz bastante desses conceitos né? Pra gente.

Cátia Muniz: Obrigada, professor Hélio. Foi muito importante você trazer pros nossos ouvintes como o projeto traDUS, ele pensou exatamente aquilo que você falou. Então, eu vou ver a carta e eu não vou saber interpretar a carta, né? Alguns municípios não vão ter condições de olhar, de entender o que significa a carta. Né? E trazer esses módulos, né? Essas videoaulas, esses conteúdos eles vão ajudar bastante, a gente espera, né? Que ajude bastante esse é o nosso intuito, e o senhor trouxe aqui pra gente também vários exemplos que mostram que é possível, né? Que algumas cidades já estão conseguindo fazer alguns planejamentos na área de desenvolvimento local, né? Pensando mais num desenvolvimento criativo, pensando não só em empresas grandes trazer pra cidade, mas desenvolver mesmo, né? Os produtores locais, aquilo que tá sendo feito dentro daquela cidade, né? Que não precisa trazer isso, empresa grande pra depois isentar ela de impostos. Né? Pode fazer o fomento ali mesmo dentro da localidade.

Hélio Costa: Eu tenho certeza, através do conhecimento, de educação, mesmo que não seja uma aplicação imediata, que as pessoas “ah eu não vou fazer esse curso agora, eu não vou ler esse livro agora, porque eu não vou aplicar esse conhecimento”, mesmo que não seja uma aplicação imediata, né? Qualquer conhecimento, processo de de capacitação, de desenvolvimento de habilidades que a gente faz é crescimento pessoal e o crescimento pessoal ele vai gerar ondas, né? Essas ondas vão gerar um crescimento do grupo, né? E o grupo vai reverberar em grupos maiores, maiores e eu acho que sem essa iniciativa, né? De traduzir mesmo, né? De fazer uma... levar o conhecimento para que as pessoas vejam que é possível, né? E vejam alguns exemplos, é algo que não tem, não tem jeito de dar errado, né? É aquilo tenho certeza absoluta, né? Que passar por esse processo de aprendizado vai gerar, com certeza, resultados, né? Na comunidade onde as pessoas estão e na própria vida das pessoas. Então o conteúdo da carta já é um grande avanço de ter, né? Iniciativa de ter sido criada essa carta que é um compêndio, né? De muita conhecimento, criada a várias mãos, a vários cérebros, né? Que foram felizes, né? Em organizar todo esse conhecimento já é um excelente primeiro passo, né? O segundo

passo agora é levar isso até a sociedade, né? Não só a gestores públicos, mas a sociedade em geral pra ter acesso a isso, né? Organizações não governamentais, levar, levar o povo, o povo tem que conhecer, né? O que que existe de estratégia, de ferramenta, né? De soluções e a terceira é aplicar, né? Depois que as pessoas tiverem acesso ao seu conhecimento aplicarem e aí a gente espera ter muito muita história pra ouvir, né? De quem aplicou esse conhecimento, fez o processo né? De impacto, de transformação nas cidades e depois conta pra gente, né? Como é que foi esse processo, até pra gente poder difundir novamente pra outras, né? A quem fez e teve sucesso conta pra nós pra gente de novo, né? Espalhar notícia, porque notícia boa é sempre muito bom a gente espalhar e fazer com que as pessoas se inspirem pra poder também ter o sucesso e não só ficar pra um pequeno grupo de, né? De pessoas que achou o caminho, mas que todo mundo tem a facilidade pra achar os seus próprios caminhos também.

Erico Przeybilovicz: Muito bem professor, a gente, eu gostaria só de agradecer a sua participação, esse nosso bate-papo inicial sobre desenvolvimento econômico local. E deixar também o convite pra ficarem atentos nos nossos próximos episódios, a gente vai continuar conversando aí com as professoras que estão trabalhando também com outros objetivos da carta, né? Nesses cursos de formação pra gente levar esse conhecimento pra todo mundo que é tão importante como o professor acabou de mencionar.

[Trilha]

Hector Sousa: Acompanhe os episódios que estão por vir. Se ainda não nos seguem, deixo aqui o convite para que sigam o podcast Meio-fio no seu agregador preferido de podcast. Nos sigam também no instagram para mais conteúdos sobre a carta e outros assuntos no @projetotradus. Voltaremos em breve com mais conteúdos para vocês. Até o próximo episódio.

[Trilha]